

POESIA, MITO E PENSAMENTO NA LÍRICA SOUSIANA

Rosane Ferreira de SOUSA
Dr. Anelito Pereira de OLIVEIRA

Universidade Estadual de Montes Claros -UNIMONTES
e-mail: rosane.sousaf@ibest.com.br
e-mail: anelitodeoliveira@gmail.com

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar uma leitura sobre os desdobramentos das tensões resultantes da relação entre poesia, mito e razão em uma sociedade dominada pelo pensamento cientificista e que estão presentes na lírica do poeta Cruz e Sousa. Situada no contexto histórico do século XIX, a lírica sousiana, como produção mimética, expõe a violência do esquecimento da natureza do sujeito para se tornar um sujeito esclarecido e o domínio velado da dolorosa cisão entre sujeito e objeto, intuição e razão, corpo e espírito. A metodologia utilizada será a análise crítico-interpretativa do poema “Esquecimento”. Os resultados apontam que o fundamento do conflito que marca “Esquecimento”, assim como toda a segunda fase da produção de Cruz e Sousa, é exatamente porque o poeta se vê num mundo histórico marcado por questões sociais e étnicas, portanto, um mundo não-mítico regido pelo desencantamento e o influxo da modernidade, que acabam por atormentá-lo. Neste contexto, o entrelaçamento de um esforço da racionalidade em confluência com a subjetividade permite ao poeta estabelecer o confronto entre imaginário poético e razão, memória e esquecimento, bem como expor em seu tecido poético a tensa relação sobre a dissolução do mito e o lugar da poesia em uma sociedade regida pelo pensamento científico.

Palavras - chave: Poesia. Mito. Razão. Esquecimento.

(Apoio: FAPEMIG)

1 Introdução

Esta comunicação trata-se da apresentação de uma parte da pesquisa em desenvolvimento que problematiza a lírica do poeta Cruz e Sousa a partir da leitura do poema “Esquecimento”, de sua autoria, e se dedica à exposição de alguns desdobramentos da análise do objeto da investigação em questão. Neste poema percebemos que, mediante o entrelaçamento de um esforço da racionalidade em confluência com a subjetividade, o poeta estabelece o confronto entre imaginário poético e razão, memória e esquecimento, bem como expõe em seu tecido literário a tensa relação sobre a dissolução do mito e o lugar da poesia em uma sociedade regida pelo pensamento científico.

Neste sentido, intentamos demonstrar com o referido estudo, que o tecido literário constituinte do poema “Esquecimento”, assim como a produção lírica de Cruz e Sousa escrita, principalmente, em sua segunda fase, nos oferece uma amostra da singularidade estética e ética de um fazer poético em meio aos tormentos e dilacerações de um sujeito que se vê emparedado por questões sociais e étnicas, e “sem lugar na lógica dominante do Brasil que se moderniza e faz da arte uma mercadoria de deleite e de prazer”,¹ portanto, num mundo não-mítico, mas histórico e em transformação, que acabam por atormentá-lo. O texto base escolhido para a realização desta análise literária em diálogo com os estudos filosóficos é *Dialética do Esclarecimento* de Theodoro W. Adorno e Max Horkheimer.

¹ RABELLO, 2006, p. 125.

2 Considerações sobre o contexto histórico da poesia lírica de Cruz e Sousa

Situada sob o mesmo contexto finissecular do século XIX, período marcado por questões sociais e étnicas, pelo domínio velado da dolorosa cisão entre sujeito e objeto, intuição e razão, corpo e espírito, a lírica sousiana expõe em seu horizonte mimético a violência do esquecimento da natureza do sujeito para se tornar um ser esclarecido. Inserida, portanto, no mundo histórico regido pelo desencantamento e o influxo da modernidade, esta lírica emerge do espírito de um poeta atormentado pelas tensões decorrentes do “choque entre o mundo do homem e o da poesia”,² bem como pela “vontade de dizer o que não se pode dizer em um dado lugar social”,³ e pelo desejo de singularização ao buscar dar sentido às “Formas”. Busca que desencadeia uma produção simbólica de alto teor poético estando intimamente ligada às vicissitudes pessoais do poeta lançando o seu fazer poético no devir e para além do campo literário, revelando-se uma obra de inspiração ética com cintilações políticas.

Perante os paradoxos da trajetória de vida e artística de Cruz e Sousa, o poeta pode ser tomado como protótipo do homem burguês. O mundo em que o poeta viveu nos desvenda um cenário histórico injusto, imerso em ideias e práticas sociais e morais racistas, opressoras, excludentes e repressoras. Visto como um homem diferente, de face estrangeira, o poeta enfrentou as intempéries de um ambiente hostil em seu processo de formação da subjetividade.

Diante da sobrevivência ameaçada e do desejo de tornar-se um homem das letras, o poeta, mediante a dominação de seus instintos e da natureza, necessitou enfrentar as regras não mais impostas pelos deuses como as do tempo mítico narrado na *Odisseia*, mas do tempo histórico. Tempo configurado sob a égide lógica da razão iluminista, e marcado pelas novas relações sociais e literárias que emergiam dos interesses da sociedade moderna, burguesa e capitalista.

Uma breve contextualização nos mostra que este período finissecular do século XIX é considerado de intensas mudanças, que afetaram as relações sociais no Brasil em vários níveis, como científico, econômico, artístico, religioso e político. Dentre as transformações catalisadoras que provocaram entrechoque e embate na mentalidade dos brasileiros e uma crise histórica no país, em convergência com sua entrada na modernidade, podemos citar: a Abolição da escravidão (1888) e a Proclamação da República (1889) e “a passagem de relações sociais do tipo senhorial para relações sociais do tipo burguês”.⁴

Como resultado tem-se a transição de uma sociedade tradicional agrária permeada por valores teológicos e místicos para uma sociedade moderna pautada em valores burgueses e projetos de progresso na esfera econômica e da razão. Assim, o país entra em um processo de modernização estabelecendo um ponto de tensão entre a racionalidade modernizadora e a realidade da tradição.

Estas principais transfigurações da sociedade brasileira situaram-se, principalmente, no palco histórico do Rio de Janeiro, a capital e principal centro político-econômico do Brasil do século XIX. Nesta capital, em processo de industrialização, concentrava-se a vida político-partidária o que lhe proporcionou o desenvolvimento como epicentro de uma efervescência literária, cultural, artística, política e social de um Império colonial, assumindo no horizonte destas transformações a sua vinculação a um novo projeto: o de um Brasil moderno e republicano.

Para esta capital afluíam os contingentes dos jovens escritores e poetas em busca de melhores oportunidades tanto de trabalho quanto de reconhecimento pelo seletor público leitor.

² Sobre isso ver OLIVEIRA, 2013, 85-95.

³ OLIVEIRA, 2006, p. 256.

⁴ SEVCENKO, 2003, p. 50.

Na obra *Literatura como Missão* Nicolau Sevcenko ao analisar as tensões sociais e a criação cultural na Primeira República registra que, desde o período histórico da campanha abolicionista até o início de da década de 1920, o Rio de Janeiro figurou-se como palco de quase a totalidade da produção literária nacional concentrando sobre si o maior mercado para os homens de letras.

Foi para este centro que o jovem poeta Cruz e Sousa também se dirigiu, e foi nele que ocorreu a metamorfose e o drama ético existencial do poeta, que passou de consciência ingênua para um processo de percepção crítica sobre o mundo da arte e o mundo do homem, bem como da complexa apreensão das leis que os regem. O estabelecimento de Cruz e Sousa no Rio de Janeiro, portanto, não se deu conforme seus sonhos e desejos. O poeta foi recebido como um estranho e encontrou outra realidade diversa da sua terra natal e da mencionada pelo projeto da modernidade.

Em sua mudança de destino de Nossa Senhora do Desterro para a capital fluminense, o poeta depara-se com cenário histórico de uma metrópole que é por um lado, o simulacro da capital parisiense, por outro, uma cidade que se moderniza e que “punha em sombras os problemas urbanos e preparava terreno para expulsar da metrópole de imitação tudo o que não coubesse: casebres e pardieiros, ruelas, pobres, negros e mendigos”.⁵ Conforme Sevcenko, os princípios que regeram o transcurso dessa metamorfose histórica da capital fluminense foram:

a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo profundamente identificado com a vida parisiense.⁶

Já o cenário literário, com suas ideologias exigências tornou-se um desafio rumo ao “desconhecido” para Cruz e Sousa, não só nos aspectos socioculturais, como no campo da expressão, como homem das letras. Conforme pontua Oliveira, ao se estabelecer no Rio de Janeiro

Cruz e Sousa depara com a necessidade de alterar sua relação com a escrita, de romper, sobretudo, com a inocência que caracterizava essa relação. Vê-se na contingência de perceber que não pode ser mais o mero emissor de uma mensagem porque não há receptor conhecido e interessado, não há lugar para uma tal cena amistosa, para a vida social nos moldes da província. O que há, no novo lugar, é vida literária em configuração, agitada por banalidades, pelos cafés da Rua do Ouvidor, mas referendada, evidentemente, por esses elementos básicos, sistêmicos, que são o autor, o texto e o leitor.⁷

Portanto, é neste contexto turbulento que o sujeito busca encontrar o seu lugar e dar ressignificação a sua práxis poética diante da percepção de que seu discurso está sendo obliterado, suprimido por meio de forças hegemônicas que lhe impedem o reconhecimento e aceitação. Deste modo, por ter vivenciado as transformações e a passagem das relações sociais do tipo senhorial para as relações sociais do tipo burguês estabelecidas no final do século XIX, a linguagem poética sousiana irá abalar o relacionamento entre poeta e sociedade. A trajetória artística e de vida do poeta Cruz e Sousa revelam uma conduta estética e ética

⁵ RABELLO, 2006, p. 221

⁶ SEVCENKO, 2003, p. 42

⁷ OLIVEIRA, 2011, p. 46

moldada em um espaço próprio de resistência à realidade e a falta do direito à existência, a autonomia e reconhecimento do poeta que atua em um campo literário cujas relações de produção são mediadas pelas mesmas relações de poder do campo social. Nesta direção, vamos encontrar a complexidade de sua escrita e a presença das marcas e cicatrizes de um discurso poético proferido em meio às interdições e ao mundo bárbaro marcado pela indiferença humana e avesso ao mundo poético, isto é, um mundo assinalado pelo desencanto e distanciamento relacional entre sujeito e objeto.

3 Do contato com a alteridade ao autoconhecimento

Na segunda fase da escrita poética de Cruz e Sousa, período em que se estabelece no Rio de Janeiro, ocorre um embate com mundo histórico em transformação. Neste sentido, o poeta olha, com profundidade, para sociedade reconhecendo as complexas relações de exclusão e os mecanismos repressores e controladores do ser. Mesmo inserida em um ambiente adverso, a lírica de Cruz e Sousa nos possibilita perceber que há uma tentativa por parte do poeta, em forma e conteúdo, de não sucumbir ao poder e às relações pré-estabelecidas. Sua escrita poética será articulada num estar dentro e fora da tradição, sempre pondo em xeque os valores sociais e estéticos dominantes do século XIX e produzindo situações de estranhamento em seu leitor.

A sua lírica gravita-se em meio a uma rede relacional permeada por múltiplas e tensões entre lírica e sociedade, acionando em seus poemas uma linguagem tensiva que expõe a angústia do poeta ao ponto deste se sentir um exilado na terra, um estrangeiro entre o mundo dos homens e o mundo do imaginário. Há em seu fazer poético um “esforço de racionalização” para dar forma e organizar o mundo que para ele se apresenta disforme, ao mesmo tempo em que tensiona a razão esclarecida, o mítico e o histórico.

Com estas colocações, percebemos que as circunstâncias de sua época, bem como as ideias e práticas difundidas em seu contexto histórico fizeram com que o poeta Cruz e Sousa sofresse violenta repressão em seu corpo e seu espírito para torna-se um homem das letras e modelo do civilizado, para assim, poder ingressar-se no campo literário e social. Uma experiência traumática para o poeta, uma vez que precisou lutar contra a frieza da *ratio* mediante o recalque de seus impulsos, enrijecendo-se e modelando a sua conduta em prol da resistência a um não apagamento e como forma de exigência de respeito a si mesmo e da sua cultura.

Em *Dialética da colonização* Adorno e Horkheimer tecem uma crítica a esta racionalidade moderna que o poeta Cruz e Sousa passou em um dado momento histórico a recusar. Racionalidade que está ancorada no esclarecimento, ou no conhecimento. As indagações destes filósofos, sobre o esclarecimento são postuladas numa relação dialética perante a ele, se reverberando para uma denuncia sobre o novo tipo de servidão que os homens foram submetidos pela *ratio* e pela dominação da natureza. Neste sentido, Bassani e Vaz pontuam que:

como condição para o domínio da natureza externa e em nome da autoconservação do sujeito e de uma razão totalitária que não permite um *fora* dela mesma, um momento que lhe seja exterior e que pudesse, portanto, opor-se-lhe como outro, foi preciso que o ser humano, o *eu* esclarecido em formação, dominasse, ou, melhor dizendo, *esquecesse, alienasse* a sua própria porção de natureza, sua *natureza interna*, seu corpo. O próprio conhecimento erigido dessa dominação, ou seja, a capacidade de manipulação técnica da natureza acaba reagindo sobre a subjetividade que se formou a partir dessa atividade dominadora. Nesse sentido, o controle da natureza está ligado à violência introvertida no humano, ao esquecimento do

sujeito sobre sua própria natureza, sua vitalidade mais originária.⁸ (Grifos dos autores)

Para Adorno e Horkheimer, a meta aparente do esclarecimento era gerar uma sociedade fundamentada na justiça e liberdade, no entanto, apresenta-se com outra face: a dominação. A razão emancipatória de caráter iluminista reveste-se de uma razão de caráter instrumental. Deste modo, o saber, que a princípio traria benefícios aos homens mediante o esclarecimento mostra-se o seu reverso. Conforme estes autores,

o preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem da ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu *em-si torna para-ele*. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação.⁹ (Grifos do autor).

Desta maneira, depreendemos que o drama ao qual a obra e a vida do poeta foram submetidas é constituído por um complexo perceptivo de relações tensas que se processam no interior do poeta diante de seu desvelar histórico existencial que lhe ocorre dentro da sociedade e cultura do final do século XIX. O poeta resiste e sacrifica-se para subsistir. Torna-se “vítima e sacerdote” ao trilhar outros caminhos, fazendo do imaginário e do simbólico uma saída possível para o desencanto com o mundo. Nesta dimensão Lauro Junkes afirma que:

Cruz e Sousa preservou e cultuou, na sua poética, o Mistério, mistério do ser e da existência, mistério cada vez menos vislumbrado em nossa civilização tecnológica, mistério sufocado pelo liberalismo pragmático e imediatista. Ler Cruz e Sousa exige abertura do coração para assumir o mistério dos caminhos e descaminhos da existência, para compreender o sentido da finitude da matéria concreta; exige contenção da pressa em apossar-se e permanência fruidora e reflexiva num mesmo poema, exige domínio da ânsia de devorar rapidamente todo o livro, porque cada poema constitui um universo a ser penetrado e fruído na sua individualidade única.¹⁰

Assim, a lírica do poeta Cruz e Sousa torna-se questionadora dos esquemas e das regras da arte e, por conseguinte, coloca em confronto a instituição literária, as dimensões histórico-sociais, éticas e político-econômicas que legitimam a criação artística. Portanto, entendemos que a linguagem da poética sousiana possibilita a apreensão do real e do ficcional, permitindo ao homem desvelar o mundo, rebelar-se contra os discursos que interessam aos grupos dominantes que criam interditos, excluem, delimitam e impedem o jogo discursivo e a interação dos seres humanos. Esta acepção corresponde ao mencionado por Ivone Daré Rabello sobre as escolhas poéticas de Cruz e Sousa. A pesquisadora entende que para o poeta,

a arte não apenas substituiria as tensões históricas na constituição simbólica, mas também efetivaria a crítica da práxis enquanto dominação. A forma simbólica, assim, nada teria a ver com o infeliz compromisso do “deleite artístico”. Em Cruz e Sousa, ela seria a trama pela qual se construiriam as

⁸ BASSANI; VAZ, 2012, p. 650.

⁹ ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 18.

¹⁰ JUNKES, 2008, p. 62.

peripécias das dos antagonismos não resolvidos da realidade histórica tal como apreendidos pela experiência do poeta.¹¹

Isto não quer dizer que o poeta Cruz e Sousa desvalorize as reivindicações de mudança, ou que seja contra o desenvolvimento científico, tecnológico e cultural ocorridos com o programa da modernidade, mas mostra o seu desacordo com o fato de que as bases ideológicas que fundamentavam o projeto moderno não atingiam a todos, mas, beneficiavam apenas alguns privilegiados. O problema que o poeta visualiza e problematiza nesta realidade histórica é que as transformações propostas pelo projeto da modernidade tomaram rumos inesperados para “um universo fundado nos valores da razão e do conhecimento”.¹² Adorno e Horkheimer argumentam que no âmbito do logro da dominação da natureza pelo esclarecimento o homem também tornou-se um ser dominado e,

o preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação [*Versachlichung*] do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo.¹³

Nesta direção, gostaríamos de apontar que a lírica sousiana permite-nos entrever um relacionamento agonístico entre lírica e sociedade, pois esboça em seu horizonte criador uma experiência de confronto e recusa, por parte do eu lírico, ao desnudar o ambiente barbarizado do meio social. Na base do seu fazer poético solidificam-se uma percepção intuitiva e o posicionamento ético de um sujeito atormentado com as transformações do mundo circundante, que delineiam e põem em xeque o lugar de sua poesia dentro do campo literário, ao mesmo tempo em que perturbam o leitor, no que se refere à legibilidade dos seus poemas.

A poesia lírica de Cruz e Sousa põe em relação de modo agônico e conflituoso duas realidades distintas: a que pertence à literatura, o poético ficcional, e aquela inerente ao mundo do homem o dado histórico-social. O poeta constrói uma poesia que estabelece uma relação diferenciada e ambígua em relação às formas miméticas assimiladas e veiculadas no século XIX. Seu posicionamento neste cenário demonstra uma ânsia de voar nas alturas mediante um querer em prol de dar voz a seus próprios tons literários, além de vislumbrar um desejo do surgimento de uma nova maneira de se relacionar com a instituição literária em meio ao mundo em transformação. O cerne de sua poética tem uma imbricação em uma linguagem em tensão entre literatura, história, memória e instituição literária. Para urdir sua memória pela teia do esquecimento o poeta estabelece um ponto de tensão entre o tempo mítico e histórico.

Em poemas como “Esquecimento” e “Emparedado” podemos observar o desespero do poeta Cruz e Sousa por um não apagamento e “uma vontade de tornar-se homem, de ser reconhecido como tal, pelo exercício da escrita”¹⁴ isto porque no Século XIX devido as teorias deterministas o negro, o escravo, não eram considerados seres humanos. Como podemos observar no fragmento abaixo retirado do poema em prosa “Emparedado”.

E é por isso que eu ouço, no adormecimento de certas horas, nas moles quebreiras de vagos torpores enervantes, na bruma crepuscular de certas melancolias, na contemplatividade mental de certos poentes agonizantes, uma voz ignota, que parece vir do fundo da Imaginação ou do fundo mucilaginoso do Mar ou dos mistérios da Noite—talvez acordes da

¹¹ RABELLO, 2006, p. 104-105.

¹² SEVCENKO, 2003, p. 114

¹³ HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 40.

¹⁴ OLIVEIRA, 2011, p. 50

grande Lira noturna do Inferno e das harpas remotas de velhos céus esquecidos, murmura-me:

- “Tu és dos de Cam, maldito, réprobo, anatematizado!” (SOUSA,

Falas em Abstrações, em Formas, em Espiritualidades, em Requintes, em Sonhos! Como se tu fosses das raças de ouro e da aurora, se viesses dos arianos, depurado por todas as civilizações, célula por célula, tecido por tecido, cristalizado o teu ser num verdadeiro cadinho de idéias, de sentimentos – direito, perfeito, das perfeições oficiais dos meios convencionalmente ilustres! Como se viesses do Oriente, rei!, em galeras, dentre opulências, ou tivesses a aventura magna de ficar perdido em Tebas, desoladamente cismando através de ruínas; ou a iriada, peregrina e fidalga fantasia dos Medievos, ou a lenda colorida e bizarra por haveres adormecido e sonhado, sob o ritmo claro dos Astros, junto às priscas margens venerandas do Mar Vermelho!

Artista! pode lá isso ser se tu és d’África, tórrida e bárbara, devorada insaciavelmente pelo deserto, tumultuando de matas bravias, arrastada sangrando no lodo das Civilizações despóticas, torvamente amamentada com o leite amargo e venenoso da Angústia!

A África arrebatada nos ciclones torvelinhantes das Impiedades supremas, das Blasfêmias absolutas, gemendo, rugindo, bramando no caos feroz, horrído das profundas selvas brutas, a sua formidável Dilaceração humana! A África laocoônica, alma de trevas e de chamas, fecundada no Sol e na Noite, errantemente tempestuosa como a alma espiritualizada e tantálica da Rússia, gerada no Degredo e na Neve – pólo branco e pólo negro da Dor!

Artista?! Loucura! Loucura! Pode lá isso ser se tu vens dessa longínqua região desolada, lá no fundo exótico dessa África sugestiva, gemente, Criação dolorosa e sanguinolenta de Satãs rebelados, dessa flagelada

África, grotesca e triste, melancólica, gênese assombrosa de gemidos, tetricamente fulminada pelo banzo mortal; dessa África dos Suplícios, sobre cuja cabeça nirvanizada pelo desprezo do mundo Deus arrojou toda a peste letal e tenebrosa das maldições eternas!

A África virgem, inviolada no Sentimento, avalanche humana amassada com argilas funestas e secretas para fundir a Epopéia suprema da Dor do Futuro, para fecundar talvez os grandes tercetos tremendos de algum novo e majestoso Dante negro!¹⁵

Assim como Ulisses, o poeta traz em seu corpo a imagem refinada do homem civilizado. Na busca do autoconhecimento suscitado pelo contato com outro, o poeta Cruz e Sousa precisou também silenciar e sacrificar mediante a adoção e rejeição de regras de conduta em nível do corpo, pela adoção de certos comportamentos considerados civilizados, e em nível do espírito, pela postura e escolhas éticas diante da realidade circundante. Esta experiência demarca, por assim dizer, o processo de formação da sua subjetividade. Neste âmbito, percebemos que da mesma forma que o poeta é “vítima e sacerdote” neste processo de desenvolvimento de sua consciência crítica o seu corpo, assim como o de Ulisses,

é alvo e sintoma. Alvo - na medida em que é ele que deve ser disciplinado na construção da individualidade. Sintoma – pois é nele que captamos momentos significativos da construção do *Aufklärer*. É o corpo que se modifica para compor a psicologia do homem que se afasta da menoridade. É (sic) nas marcas do corpo que a psicologia ulisseana se expõe à luz.

¹⁵ SOUSA, 1995, p. 1995, p. 672.

Psicologia moldada e preenchida pela *astúcia*; o elemento de fraude que Horkheimer e Adorno encontram tanto no sacrifício quanto na troca.¹⁶

Deste modo, a trajetória artística e de vida do poeta Cruz e Sousa revelam uma conduta moldada por um posicionamento ético do sujeito perante as relações sociais e regras de conduta impostas pela burguesia emergente do final do século XIX. Deste modo, entendemos que neste contexto o poeta Cruz e Sousa assume uma identidade opositiva fundada em suas próprias escolhas para se autoconservar. Neste sentido, Terry Eagleton sublinha que:

todas as identidades “opositivas” são, em parte, função da opressão, tanto quanto da resistência à opressão; e nesse sentido, aquilo em que alguém vai se tornar não pode ser lido a partir do que ele é agora. O privilégio do opressor é o de poder decidir o que ele vai ser; é esse direito que os oprimidos devem reivindicar também, e que deve ser universalizado. O universal, nesse sentido, não é uma dimensão do dever abstrato contraposto severamente ao particular; ele é o direito comum aos indivíduos de verem suas diferenças respeitadas, e de participar no processo coletivo pelo qual isso pode ser realizado. A identidade está, nessa medida, a serviço da não identidade; mas sem tal identidade, nenhuma identidade real pode ser atingida. Reconhecer alguém como um sujeito é colocar a ele ou a ela no mesmo plano hierárquico que a si mesmo, e reconhecer sua alteridade e autonomia.¹⁷

A partir do reconhecimento dos mecanismos repressores do saber esclarecido, o poeta Cruz e Sousa faz a sua escolha por uma poética radicada na *poiésis*, cujo pensamento estabelece um confronto com a *ratio* esclarecida desdobrando-se em exercício criativo. Esta escolha, portanto, o insere numa nova ordem da racionalidade: a do inconsciente estruturado como linguagem. Sendo assim, o esforço de racionalização empreendido por Cruz e Sousa pode ser compreendido como um modo de pensar que mantém uma relação afetiva com o conhecimento.

Neste sentido, entendemos que a busca do poeta pelo conhecimento não se dá na direção da acumulação de saberes especializados, de fácil aplicação, mas busca um saber cuja dimensão e racionalidade promova uma cultura sensível ao “maravilhamento”, como pontua a filósofa Olga Matos. É o que podemos observar neste fragmento do poema em prosa intitulado “Triste”. Ouçamos o poeta:

E que o mundo veja e sinta que eu o conheço e compreendo, compreendo, e que apesar da obscuridade com que me atrito comumente com ele, apesar dos contactos execrands na rodante contingência da Vida, tenho-o como que fechado nesta pequena e frágil mão mortal.

Mas, por mais que me humilhe, abaixe resignado a desolada cabeça, me faça bastante eunuco, não murmure uma sílaba, não adiante um gesto, ande em pontas de pés como em câmaras de morte, sufoque a respiração, não ouse levantar com audácia os olhos para os graves e grandes senhores do saber; por mais que eu lhes repita que não me orgulho do que sei, mas sim do que sinto, porque quanto ao saber eles podem ficar com tudo; por mais que lhes diga que eu não sou deste mundo, que eu sou do Sonho; por mais

¹⁶ GHIRALDELLI, 1996, p. 116.

¹⁷ EAGLETON, 1993, p. 229.

que eu faça tudo isto, nunca eles se convencerão que me devem deixar livre, à lei da Natureza, contemplando, mudo e isolado, a eloqüente Natureza.¹⁸

Vemos, aqui, que a razão cientificista do contexto histórico de Cruz e Sousa erige um saber que não suporta a alteridade, por conseguinte, exerce o poderio controlador sobre ela. Neste sentido, Olgária Matos sublinha que:

a ciência se reporta a uma natureza não mais qualitativa e animada, mas quantitativa e formalizada. O mito antropomorfiza a natureza, a ciência a objetiva para dominá-la intelectualmente, para reduzi-la à dimensão do mesmo – o sujeito. A alteridade é negada porque a simples existência do outro é a fonte de angústia.¹⁹

Neste sentido, entendemos que na lírica sousiana aparece uma linguagem em tensão, em atrito com o mundo, que atua como estratégia de combate à sujeição ao controle do imaginário e à submissão do sujeito ao conhecimento lógico-científico mediante a violência da cisão entre sujeito e objeto. Um processo em que paira sobre momentos de embates e de profunda angústia, pois, nesta busca, o espírito do poeta se debate “dentro de suas próprias fronteiras, cujas limitações ele experimenta dolorosamente, e as quais ele gostaria de poder atravessar. Ele, o espírito, é ao mesmo tempo o sujeito, o objeto e o território da busca.”²⁰

Com isto que acabamos de analisar, entendemos que é neste movimento de tensão entre interior e exterior que se dá na busca particular pelo conhecimento, que o poeta volta-se para a sua interioridade e toma, paulatinamente, consciência das transformações em seu entorno, do seu lugar e do seu papel de poeta na sociedade, adquirindo com isso um amadurecimento como ser e, por conseguinte, em de um novo fazer poético.

Deste modo, o poeta realiza uma forma de vida mimética que funda a si mesma, além de trazer em seu bojo a expressão de um conflito entre o que subsiste sob forma da tradição e o aparecer de referenciais históricos, que interferem na forma de apresentação da realidade por meio do devir artístico. Por uma via ético-política, o seu tecido literário assume um novo tipo de racionalidade que delinea uma tentativa de criar uma nova experiência que reconhece a autoconsciência sem a perda da sensibilidade.

4 Considerações finais

O resultado esperado pelo trabalho se exprime em apontar que o fundamento do conflito que marca “Esquecimento”, assim como toda a segunda fase da produção de Cruz e Sousa, ocorre exatamente porque o poeta se vê num mundo histórico marcado por questões sociais e étnicas, portanto, um mundo não-mítico regido pelo desencantamento e o influxo da modernidade, que acabam por atormentá-lo. Neste contexto, o entrelaçamento de um esforço da racionalidade em confluência com a subjetividade permite ao poeta estabelecer o confronto entre imaginário poético e razão, memória e esquecimento, bem como expor em seu tecido poético a tensa relação sobre a dissolução do mito e o lugar da poesia em uma sociedade regida pelo pensamento científico.

¹⁸ SOUSA, 1995, p. 552-553.

¹⁹ MATOS, 1987, p. 142.

²⁰ GAGNEBIN, 2006, p. 157.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BASSANI, Jaison José. VAZ, Alexandre Fernandez. “Sobre a cisão entre sujeito e objeto, segundo Theodor W. Adorno: questões para a educação do corpo”. In: *Educação e Filosofia Uberlândia*, v. 26, n. 52, p. 641-669, jul./dez. 2012. ISSN 0102-6801.
- EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Trad. Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- GAGNEBIN, JEANNE MARIE. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GHIRALDELLI Jr., Paulo. *O corpo de Ulisses: modernidade e materialismo em Adorno e Horkheimer*. São Paulo: Escuta, 1996.
- LIMA, Luiz Costa. *Mimesis e modernidade: formas das sombras*. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- MATOS, Olgária. “A melancolia de Ulisses: a dialética do iluminismo e o canto das sereias”. In: CARDOSO, S. et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 141-157.
- OLIVEIRA, Anelito Pereira de. “A forma e o mundo: repensando *Broquéis*, de Cruz e Sousa”. In: *Revista Eutomia*. 8. ed. Ano IV, p. 144-160, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistaeutomia.com.br>>. Acesso em: 4 nov. 2013.
- OLIVEIRA, Anelito Pereira de. “O grito e o mar: sobre a transformação do processo poético em Cruz e Sousa”. In: *Revista Literatura em Debate*, v. 5, n.9, p. 46-66, ago. / dez. 2011. Disponível em: <http://www.fw.uri.br/publicacoes/literaturaemdebate/artigos/02_09.pdf> Acesso em: 4 nov. 2013.
- OLIVEIRA, Anelito Pereira de. “Intercessões: Cruz e Sousa e Edgar Allan Poe”. In: *Revista USP*, São Paulo, n.90, p.164-171, junho/ ago. 2011.
- RABELLO, Ivone Daré. *Um canto à margem: uma leitura poética de Cruz e Sousa*. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2006.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e a criação cultural na Primeira República: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. , rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SOUSA, João da Cruz e. *Obra Completa*. Org. Andrade Murici. Atualização Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.